

O ATO TRADUTÓRIO E INTERPRETATIVO ANALISADO A PARTIR DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

RESUMO: O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, e tem como o objetivo geral compreender o processo dialógico que envolve um ato tradutório e interpretativo, bem como analisar a tradução e a interpretação por um prisma além do técnico (léxico, regras e vocabulários), mas a partir da relação *eu/outro* e da produção de sentidos. Fundamentando-nos na teoria de Mikhail Bakhtin, buscamos, por meio de entrevistas com profissionais selecionados, adentrar o mundo da tradução/interpretação em língua de sinais. Utilizaremos o termo *tradução/interpretação*, visto que, a nosso ver, assim como no de Eco (2014), uma está atrelada a outra. Debruçamo-nos sobre o trabalho desses profissionais e o analisamos minuciosamente, atrelando-o aos conceitos bakhtinianos. Os resultados de nossa pesquisa desvendaram que a neutralidade não se correlaciona com fidelidade e que, em uma interação, não existe sujeito passivo, portanto o tradutor/intérprete e o Guia-intérprete são interlocutores ativos ao executarem o seu trabalho, sendo participantes ativos, coautores do enunciado interpretado.

PALAVRAS CHAVES: Tradução/Interpretação. Tradutor/Intérprete. Guia-Intérprete. Língua de Sinais. Estudos Bakhtinianos.

THE TRANSLATIVE AND INTERPRETATIVE ACT ANALYZED FROM THE BAKHTINIAN PERSPECTIVE

ABSTRACT: The present work is a qualitative research, and its general objective is to understand the dialogical process that involves a translational and interpretative act, as well as to analyze the translation and interpretation from a prism beyond the technical (lexicon, rules and vocabularies), but from the relation I /Other and the production of senses. Based on Mikhail Bakhtin' theory, we sought, through interviews with selected professionals, to enter the world of sign language translation/interpretation. We will use the term translation/interpretation, since in our view, as in Eco (2014), one linked to the other. We look at the work of these professionals and analyze it thoroughly, linking it to Bakhtinian concepts. The results of our research revealed that neutrality does not correlate with fidelity and that in an interaction there is no passive subject, so the translator/interpreter and the guide-interpreter are active interlocutors in performing their work, being active participants, co-authors of the utterance interpreted.

KEYWORDS: Translation/Interpretation. Translator interpreter. Interpreter guide. Sign language. Bakhtinian Studies.

Nilsa Taumaturgo de Sá de Souza¹

¹ Mestre em Estudos de Linguagem pelo PPGEL – UFMT. Tradutora/Intérprete de Língua Sinais. Departamento de Letras UFMT. Endereço eletrônico: nilsa.sa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O ato tradutório e interpretativo existe desde os primórdios da humanidade, considerando que, “[...] esse ato está presente no próprio seio de toda língua, por meio da reformulação” (OUSTINOFF, 2015, p. 8). Portanto, traduzimos/interpretamos a cada palavra proferida, quando a reformulamos por meio da busca pela compreensão.

Na atual conjuntura, sabe-se que é por meio da tradução/interpretação que os acordos entre países de línguas diferentes acontecem, que sabemos notícias do mundo inteiro e que conseguimos nos comunicar com as mais variadas nações. “A primeira função da tradução/interpretação é, então, de ordem prática: sem ela, a comunicação fica comprometida ou se torna impossível” (OUSTINOFF, 2015, p. 12).

No Brasil, “publicações sobre a história e sistematização da tradução e interpretação ainda são escassas” (LACERDA, 2009, p. 11). Todavia, quando os portugueses chegaram ao Brasil, a dificuldade de comunicação foi um obstáculo, pois índios e portugueses falavam línguas diferentes. Nem mesmo o judeu Gaspar, o intérprete da frota, sabia a língua que os índios utilizavam. A comunicação se dava, então, por meio de gestos.

Segundo Pagano e Vasconcelos:

Mapear a inserção das pesquisas em tradução/ [interpretação] no Brasil e em outros contextos nacionais demanda a interação com subáreas para além das Letras e Linguística, vasculhando outros espaços institucionais e outros campos disciplinares, como, por exemplo, a antropologia, a neurologia, a psicologia, a ciência da computação e estudos culturais. Esta incursão pelos espaços outros e pelas instâncias interdisciplinares pode ser apontada como o desdobramento natural para projetos futuros de mapeamentos que possam capturar, explorar e destacar o aspecto multidisciplinar dos Estudos da Tradução no Brasil. (PAGANO; VASCONCELOS, 2003, p. 18).

Todavia, sabe-se que o encontro de índios e portugueses possibilitou um novo contato entre culturas diferentes e abriu as portas para o ato tradutório/interpretativo no Brasil. Prática que veio se efetivando gradativamente e que hoje é uma profissão regulamentada.

² Doutora em estudos de Linguagem; Professora no departamento de Letras. UFMT. Endereço eletrônico: simonejp1@gmail.com

Vale ressaltar que, assim como nas línguas orais (LO), a tradução/interpretação está inserida nas LS desde a antiguidade, embora não fossem reconhecidas como línguas, e sim como mímicas, gestos ou sinais, sejam eles escritos (desenhados) ou articulados por meio das expressões faciais e corporais.

O profissional Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (doravante TILS), de modo geral, sobreleva inúmeros questionamentos e julgamentos referentes à sua atuação, questionamentos como os que estão grafados aqui, por exemplo, são enunciados que esse profissional ouve e vê no dia a dia ao executar o seu trabalho:

“Que sinal é esse? Qual o sinal de tal palavra? Como sinalizo tal palavra? O intérprete não usou o sinal da palavra que o palestrante falou! Mas ele fez tal sinal! Eu não usaria esse sinal! Na minha cidade se usa esse sinal. Nossa! Ele fez isso, mas assim ficaria melhor! Ele não deu voz para o sinal que o palestrante sinalizou. O intérprete não foi fiel ao discurso. O intérprete fez diferente”.

A partir de tais questionamentos que, de modo geral, existem em todos os espaços de tradução/interpretação de LS, e que dão gênese a essa pesquisa, sendo objeto de nossa inquietação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e tem como o obtivo geral compreender o processo dialógico que envolve um ato tradutório e interpretativo, bem como analisar a tradução e a interpretação por um prisma além do técnico (léxico, regras e vocabulários), mas a partir da relação *eu/outro* e da produção de sentidos. Levando em consideração que, se a língua é social, é interação e é viva, seria difícil se prender a um sinal ou a uma palavra para que a interpretação seja fidedigna. Para Bakhtin (1992):

O locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele de se utilizar as formas normativas (admitimos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável. Este é o ponto de vista do locutor. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 92 e 93).

Portanto, partimos do pressuposto que uma tradução/interpretação não se prende a palavras ou a sinais, o objetivo é transmitir/interpretar o sentido. Assim, no transcorrer desta pesquisa, não nos limitaremos às perguntas/respostas, mas adentraremos de forma reflexiva, *alterando-nos e excedendo nossa visão* em relação aos *outros* que farão parte desse processo.

Atualmente, alguns pesquisadores da área de (LS) baseiam-se na teoria bakhtiniana. É possível encontrar teses, dissertações, artigos e livros com temas de grande relevância. Citaremos alguns pesquisadores que, embora não todos estejam citados como referências, nos auxiliaram conceitualmente no decorrer desta pesquisa.

Neiva de Aquino Albres é doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Pesquisa no campo da análise de implementação de educação inclusiva e educação bilíngue para surdos, processos de tradução e interpretação de Libras e Português e de ensino de Libras. Líder do Grupo de Pesquisa Didática e ensino de tradutores e intérpretes de línguas de sinais – DETILS registrado no CNPq.

Angela Russo, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é intérprete de Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa a área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: tradução e interpretação em Libras, educação, intérprete, interpretação em Libras e Libras.

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Experiência na área da Fonoaudiologia, com ênfase em Surdez, e atuação na área educacional com estudos desenvolvidos na perspectiva histórico-cultural e nos pressupostos da *abordagem enunciativo-discursiva*.

Ana Claudia Balieiro Lodi doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolve pesquisas na área de educação de surdos e estudos linguísticos sobre a Libras, em uma *perspectiva discursiva e enunciativa da linguagem*.

Já esta pesquisa será norteadada pela perspectiva dialógica, adentrando o universo da tradução/interpretação em LS.

TRADUZIR/INTERPRETAR

Traduzir é interpretar, mas é também e, sobretudo, superar a interpretação, recriando o ritmo da obra na língua de chegada com uma poética que dê conta dos múltiplos sentidos e do modo de ser original.

Paulo Bezerra

O ato de Traduzir/Interpretar existe tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais e pode ser efetivado de uma língua oral para outra, de uma língua oral para uma língua de sinais, de uma língua de sinais para uma língua oral ou de uma língua de sinais para outra língua de sinais. Ou seja, qualquer que seja a modalidade das línguas envolvidas, há a possibilidade de tradução/interpretação.

Os termos *traduzir* e *interpretar* ainda trazem alguns questionamentos quanto as suas Especificidades, Lacerda (2009), pesquisadora na área de Língua de Sinais, retrata que:

Para alguns autores, os termos tradução e interpretação se complementam e, em certa medida, remetem a mesma tarefa: versar os conteúdos de uma língua para outra, buscando trazer neste processo os sentidos pretendidos, sem que eles se percam ou que sejam distorcidos no percurso. (LACERDA, 2009, p. 14 Grifo nosso).

Neste sentido, compreende-se que as duas atividades estão interligadas e têm a função de transmitir o sentido pretendido no discurso. A autora apresenta também que “há autores que defendem que tradução e interpretação são atividades distintas” (LACERDA, 2009, p.14).

O escritor italiano Umberto Eco, que também foi filósofo, professor, estudioso da semiótica, traduziu e foi traduzido, fez importantes reflexões acerca da tradução. Em um dos seus livros intitulado *Quase a mesma coisa*, Eco diz que “interpretar não é traduzir” (ECO, 2014, p. 265). Mais à frente, Eco diz que, “primeiro interpretar, depois traduzir” (p. 287). E complementa: “O tradutor deve, antes de tudo, reformular a frase fonte com base em uma conjectura sobre o mundo possível que ela descreve e só depois poderá traduzir” (p. 288). Assim, compreende-se que são atividades que, embora pareçam distintas, são ao mesmo tempo correlatas.

Magalhães (2007) considera que:

Traduzir é sempre um exercício imperfeito, em que tentamos transpor para outro universo semântico ideias e sentimentos que não são nossos. Porém, temos a responsabilidade de assumi-los e incorporá-los. Na tradução, fazemos mais do que buscar sinônimos. Somos forçados a **interpretar**, a intuir o sentido de passagens dúbias. Fazemos escolhas a todo momento. Elegemos. Tomamos decisões. E com isso, naturalmente nos arriscamos ao erro. (MAGALHÃES JR, 2007, p. 170).

Assim, tradutores/intérpretes exercem um trabalho que possibilita relações pessoais, sejam elas escritas, orais, sinalizadas, silenciadas ou mesmo gesticuladas. Logo, tradução/interpretação estão atreladas, uma não existe sem a outra. Não há como traduzir sem antes interpretar. Considerando que a prática da tradução, segundo Guimarães Rosa (2003), é “um exercício de estilo, uma pesquisa de interpretação; é um ato de amor, pois é o transferir-se por inteiro numa outra personalidade” (ROSA, 2003, p.19). Consequentemente, o TILS não é um sujeito alheio ao executar o seu trabalho.

ALGUNS CONCEITOS BAKHTINIANOS ATRELADOS À TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

Atrelar os conceitos teóricos de Mikhail Bakhtin ao trabalho do profissional tradutor/intérprete de Língua de Sinais – TILS é como percorrer um caminho extenso e surpreendente, considerando que esse importante estudioso da linguagem nos deixou um legado significativo, que nos possibilita compreender que somos seres constituídos a partir do *outro*.

Desde sua concepção, o ser humano depende da relação com o *outro*. Não há uma concepção de ser sem que haja dois seres. Desde o nascimento, o ser precisa de cuidados do *outro*. Para se constituir, a necessidade de interagir com o meio em que se está inserido é primordial, considerando que o sujeito já nasce inserido em uma esfera social e, a partir dela, começa a dialogar por meio das suas relações interacionais.

Nesse sentido, a *linguagem* faz seu papel dialógico, pois ela é a base da concepção humana e, por meio dela, o sujeito toma consciência de si mesmo e, consequentemente, da necessidade que tem do *outro*. Dessa forma, o *Outro* é fator primordial para a constituição do *Eu*. Bakhtin (2015) esclarece:

É claro que quando o significado da categoria do *outro* é determinante na criação da ideia de homem predomina o juízo de valor estético e positivo do corpo; o homem é *personificado* e significativo em termos plástico-picturais; o corpo interior apenas se junta ao exterior, refletindo-lhe o valor e consagrando-se nele. Assim era o homem na Antiguidade na época do seu florescimento. Todo corpóreo era consagrado pela categoria de *outro*, vivenciado como valor imediato, e a autodeterminação significativa, internamente axiológica, subordinava-se à determinação externa através do outro, *eu-para-mim* dissolvia-se no *eu-para-o-outro*. (BAKHTIN, 2015, p.49).

A partir desse pensamento bakhtiniano, notamos que a linguagem é constitutiva da consciência e de cada atividade mental – o que deixa evidente que o sujeito se constitui das interações sociais das quais participa. Assim, “com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 70). Logo, as relações sociais são o contexto para a construção do eu do ser humano e da sua consciência.

É nessa teia dialógica da linguagem, da interação e da necessidade do *outro* que o ser humano se reconhece como sujeito ativo. Desse modo, o trabalho do profissional TILS se entrelaça à teoria bakhtiniana para descortinar o processo dialógico que envolve um ato tradutório e interpretativo.

DIALOGISMO

Bakhtin pensou no mundo social e não no mundo como um lugar onde cada sujeito vive e é capaz de se constituir individualmente. Bakhtin (2015) diz que “o falante não é o Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2015, p. 300). Desse modo, no momento em que produzimos discursos, produzimos discursos alheios, porém, como pontes intermediárias, que dialogam com outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. A relação dialógica é polêmica: não há passividade. Todo sujeito se torna ativo e participante do discurso. Nela, o discurso é um jogo, é movimento, tentativa de transformação e mesmo de subversão dos sentidos.

Nessa premissa, entende-se que as relações são estabelecidas entre diferentes enunciados e a construção dos sentidos é partilhada por distintas vozes. Assim, as relações dialógicas alcançam toda espécie de enunciados na comunicação discursiva.

Todo enunciado é relacionado a outros enunciados, influencia e é influenciado por outras produções discursivas. Bakhtin explica que “dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos” (BAKHTIN, 2015, p. 331). Logo, o dialogismo é a relação de construção de sentidos que se estabelece entre dois enunciados.

As relações dialógicas podem ser estabelecidas como índices sociais de valor, que necessitam que materiais linguísticos dos signos tenham adentrado na esfera do discurso, e, depois de convertidas em enunciados e fixar a posição de sujeito social, asseguram, assim, a formulação de sentidos os quais permitem a formulação de respostas.

Os conceitos da teoria bakhtiniana dialogam entre si. Para compreendê-los, é preciso entender a linguagem como uma heterogeneidade, pois o discurso é construído a partir do discurso do outro. Um discurso não se constrói por si só.

É coerente comparar dialogismo a uma grande orquestra onde instrumentos e músicos exercem funções peculiares e são indissociáveis. O instrumento não apresenta seu belo som se o músico não executar as técnicas e habilidades necessárias para fazerem soar uma melodia, assim também o músico não pode exercer sua experiência se não tiver em mãos o instrumento. Os dois juntos se completam e fazem soar aos ouvidos de quem os assiste algo agradável e harmonioso. Não se forma uma orquestra com um único músico. Vários músicos formam uma orquestra e dialogam entre si para que haja harmonia e consonância ao tocarem. Do mesmo modo, para Bakhtin, o sujeito é indissociável do outro.

Inserimos então o ato tradutório e interpretativo na esfera dialógica conceituada por Bakhtin, compreendendo que, quando se faz uma tradução/interpretação, há um grande elo de diálogos, interações e produções de sentidos. Um tradutor/intérprete é um sujeito que dialoga e interage simultaneamente com vários sujeitos ocupando a posição de locutor e interlocutor. Ele não é o dono do discurso, assim como o sujeito interpretado também não o é, pois,

considerando que todo enunciado perpassa por outros enunciados, um tradutor/intérprete já recebe o discurso carregado de vozes alheias e, ao fazer o processo tradutório, deixa inevitavelmente a sua marca, a sua voz, pois o enunciado se renova a cada vez que é proferido. Bakhtin (2015) esclarecer que:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico [...]. *Nem os sentidos do passado*, isto é, nascidos ao diálogo dos séculos passado, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas); eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem, massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos sucessivo do desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2015, p. 410).

Logo, o discurso ao chegar ao seu interlocutor, em outra língua, passou por adequações e renovações, tendo em vista que o receptor ou interlocutor é aquele com quem dialogamos, em uma interpretação, tanto quanto em outras situações, esse interlocutor interfere também no discurso, uma vez que o modificamos e adequamos a partir do sujeito que está diante de nós, ou seja, a partir do nosso público. Nosso discurso (interpretação) é aceito ou não por esse interlocutor, que dará ao intérprete uma resposta, venha ela de forma simultânea ou posteriormente.

A resposta do interlocutor é percebida pelo locutor – neste caso, o intérprete –, por meio de um olhar, de uma posição de corpo, de uma expressão facial ou até mesmo pelo silêncio, uma vez que o nosso corpo fala, e todo esse processo de manifestação da linguagem interfere na interpretação, pois, a partir da situação, as alterações vão sendo necessárias. Não há fórmulas precisas para uma interpretação, considerando que ela é dialógica, pois a partir de Bakhtin (2015):

A única forma de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2015, p. 348). Grifos do autor.

Uma vez que o dialogismo constitui a linguagem, e toda manifestação é dialógica, obviamente, um ato tradutório e interpretativo também é dialógico. Pois as adequações e escolhas linguísticas, as tomadas de decisões, as expressões faciais e corporais, a forma de articular os sinais, no caso do intérprete de língua de sinais, fazem parte desse grande templo da linguagem que é o dialogismo.

A INTERAÇÃO VERBAL E SUA AMPLITUDE NA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

A comunicação e a interação são imprescindíveis para que o sujeito se relacione e se adeque aos ambientes sociais em que está inserido. Por meio do processo de interação é possível estabelecer diálogos nos ambientes familiar, profissional, religioso; grupos de amigos ou em qualquer situação que demande uma produção de sentidos. A interação é crucial para o relacionamento social do indivíduo, pois fomenta a possibilidade de *Alteridade*.

Segundo Bakhtin (1992):

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia a dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de *diferentes modos de discurso*, sejam eles interiores ou exteriores. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 42).
Grifos do autor.

A partir da referida citação é possível compreender que essas interações cotidianas são de suma importância para as relações sociais. Elas ocorrem das mais diversas formas: face a face ou não, através de um olhar, de um sinal, de um gesto, do silêncio, por meio de um texto escrito, de uma imagem, ou de uma palavra.

Na interação, há sempre um jogo entre o que já é dado e o novo. A interação verbal parte do social do indivíduo, ou seja, de algo que já é conhecido, para dar à palavra as diferentes significações e sentidos.

Nesse sentido, segundo Bakhtin (2015):

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). (BAKHTIN, 2015, p.379).

Partindo dessa premissa, a interação verbal envolve dois ou mais sujeitos que interagem e dialogam por meio de perguntas e respostas, sejam elas face a face ou não, visto que as perguntas e respostas podem ser produzidas por um dos participantes da interação. O sujeito dialoga consigo mesmo, pois o Eu não existe sem o Outro da mesma forma que o Outro não existe sem o Eu, portanto, o silêncio também suscita uma enunciação. Segundo Bakhtin (1992),

Toda enunciação, mesmo que de forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 98).

Para que o indivíduo se desenvolva culturalmente, socialmente e individualmente é necessário interagir com o meio no qual está inserido. Esse desenvolvimento está diretamente relacionado com o contexto sociocultural e é ininterruptamente reorganizado e ressignificado pelo indivíduo. Assim, com a inserção do indivíduo no contexto social, ele passa a incorporar (assimilar) ativamente as formas de comportamento humano, entrelaçado aos processos elementares de natureza biológica com os processos superiores de origem sociocultural mediados pelo *outro*.

Um processo de interação que envolve a atuação do profissional TILS envolve também a língua, ora, a *Língua* é um fator social. Um objeto transformador, dinâmico e ativo, pois é uma marca cultural de um determinado povo.

Segundo Bakhtin (1992):

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre

idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 92, 93).

Todavia, a língua por si só não alcança a grandiosidade da interação. Levando em conta que, para Bakhtin:

A lógica da Língua não é absolutamente a da repetição de formas identificadas a uma norma, mas sim uma renovação constante, a individualização das formas em enunciações estilisticamente únicas e não reiteráveis. *A realidade da língua constitui também sua evolução.* (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 82).

Então, a língua não é simplesmente uma reprodução de palavras, símbolos e códigos, pois os indivíduos socialmente organizados têm como produto de *interação* o ato da *enunciação*. Considerando que, para haver interação, é necessário haver um *enunciado*, a língua é um aparato técnico utilizado no ato da *enunciação* e da *interação*. Logo, a língua está sempre em movimento, em transformação e renovação.

ENUNCIADO

Enunciado, em Bakhtin, é distinto de uma sequência de palavras às quais o sujeito utiliza para se comunicar. Brait (2014) esclarece que “uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro das situações e contextos específicos, o que significa que a ‘frase’ ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações ‘enunciativas’” (BRAIT, 2014, p. 63). Desse modo, o enunciado é único, ele jamais se repetirá, pois, no conjunto da obra, é impossível a mesma pessoa, no mesmo lugar, falando as mesmas palavras com e para o mesmo público em momentos diferentes, produzir o mesmo sentido e valoração, sabendo-se que não se repete um enunciado concreto; ademais, cada momento é único, a tensão é outra, o objetivo pode ser o mesmo, mas o enunciado é outro.

Bakhtin (2015) explica que “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos” (BAKHTIN, 2015, p.

275). Cada sujeito ocupa seu lugar espaço temporal e essa alternância dos sujeitos também interfere no enunciado.

O enunciado não se encontra pronto e acabado. “Os sentidos e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto de obras, indissociavelmente implicados em outras noções também construídas” (BRAIT, 2014, p. 65). Nessas circunstâncias, Bakhtin (2015) acentua que:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. (BAKHTIN, 2015, p. 297).

Logo, o enunciado é o meio pelo qual os sujeitos se manifestam e são reconhecidos enquanto sujeitos sociais. “O enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetal do enunciado”. (BAKHTIN, 2015, p. 296). Esses diálogos ou relações sociais trazem consigo marcas históricas as quais refletem e refratam, ou seja, o enunciado tem um autor e um destinatário (locutor/interlocutor).

O sentido de um discurso jamais é o último. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade sem fim de sentidos esquecidos que voltam à memória, provocando neles a renovação dentro de outros contextos. Assim, para um ato interpretativo, ainda que sejam as mesmas palavras ou discurso, o mesmo palestrante, o mesmo intérprete e o mesmo público, a interpretação jamais será a mesma. Bakhtin (2015) explica:

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridades que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. (BAKHTIN, 2015, p. 294).

Atrelando essa definição à tradução/interpretação, o momento é o mesmo, o lugar também é o mesmo, mas existe o mediador (tradutor/intérprete) que, nesse processo de interpretação, faz suas escolhas e imprime nelas a sua marca.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se fundamenta na teoria de Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo da linguagem, que é conhecido também como o filósofo do diálogo. Bakhtin interagiu e trocava saberes com um “grupo de estudiosos” posteriormente denominado de *O Círculo de Bakhtin*, composto por intelectuais de diferentes áreas do conhecimento. Faraco (2009) acentua que “era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto) [...]” (FARACO, 2009, p. 13). Ao pensar a relação dos conceitos do Círculo com a atuação do profissional TILS, essa pesquisa foi se descortinando.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico que busca compreender o processo dialógico que envolve um ato tradutório e interpretativo, bem como analisar a tradução e a interpretação por um prisma além do técnico (léxico, regras e vocabulários), mas a partir da relação *eu/outro* e da produção de sentidos.

Os sujeitos participantes são cinco profissionais da área de LS. Para a seleção dos sujeitos, considerou-se o tempo de experiência, a área de atuação e a modalidade de atuação. São profissionais com experiências importantíssimas, diversificadas e singulares.

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas com oito perguntas gerais (feitas a todos os entrevistados) e perguntas específicas que foram feitas levando em consideração o profissional e a intenção da pesquisadora. Exceto o entrevistado Fá não é TILS, então a ele foram feitas somente as perguntas específicas.

O quadro, a seguir, apresenta os sujeitos entrevistados, em que o nome fictício atribuído a cada sujeito é o nome das cinco linhas da pentagrama musical na clave de *Sol*. A pentagrama é o conjunto de cinco linhas sobre o qual se escrevem as notas musicais, que são os símbolos que representam os sons graficamente. Optamos por atribuir aos sujeitos os

referidos nomes, considerando que eles serão os profissionais que ajudarão a compor a partitura dessa pesquisa, que será analisada cautelosamente a fim de não perder nenhum dado e/ou símbolo que proporcione a execução da melodia proposta. Ou seja, os dados coletados durante as entrevistas serão analisados de forma a compreender se os objetivos foram ou não alcançados e o que trazem de novo além das nossas expectativas.

Apresentação dos entrevistados

NOME FICTÍCIO	PROFISSÃO	TEMPO DE CONTATO COM A LS	MODALIDADE DE COMUNICAÇÃO
Mi	TILS/professor de LS	ouvinte – 35 anos	LS/LP outras LO e outras LS
Sol	TILS/professor de LS	ouvinte – 08 anos	LP/LS
Si	TILS/GI professor de LS	ouvinte – 23 anos	LS - Libras Tátil Comunicação Háptica LP
Ré	TILS	ouvinte – 26 anos Coda ³	LS/ LP
Fá	Instrutor de Libras Tátil comunicação háptica	surdocego – 31 anos	Libras/Libras Tátil Comunicação Háptica

A seguir, relacionamos as perguntas feitas aos entrevistados.

1. O que lhe motivou a ser intérprete de Língua de Sinais?
2. Como você define o profissional TILS? A relevância do seu trabalho, os desafios diários e a sua contribuição na sociedade?
3. O que você entende por FIDELIDADE durante o ato tradutório?

³ Coda – Children Of Deaf Adults – Nome que se atribui a filhos de surdos. (SOUZA, 2010, p. 01).

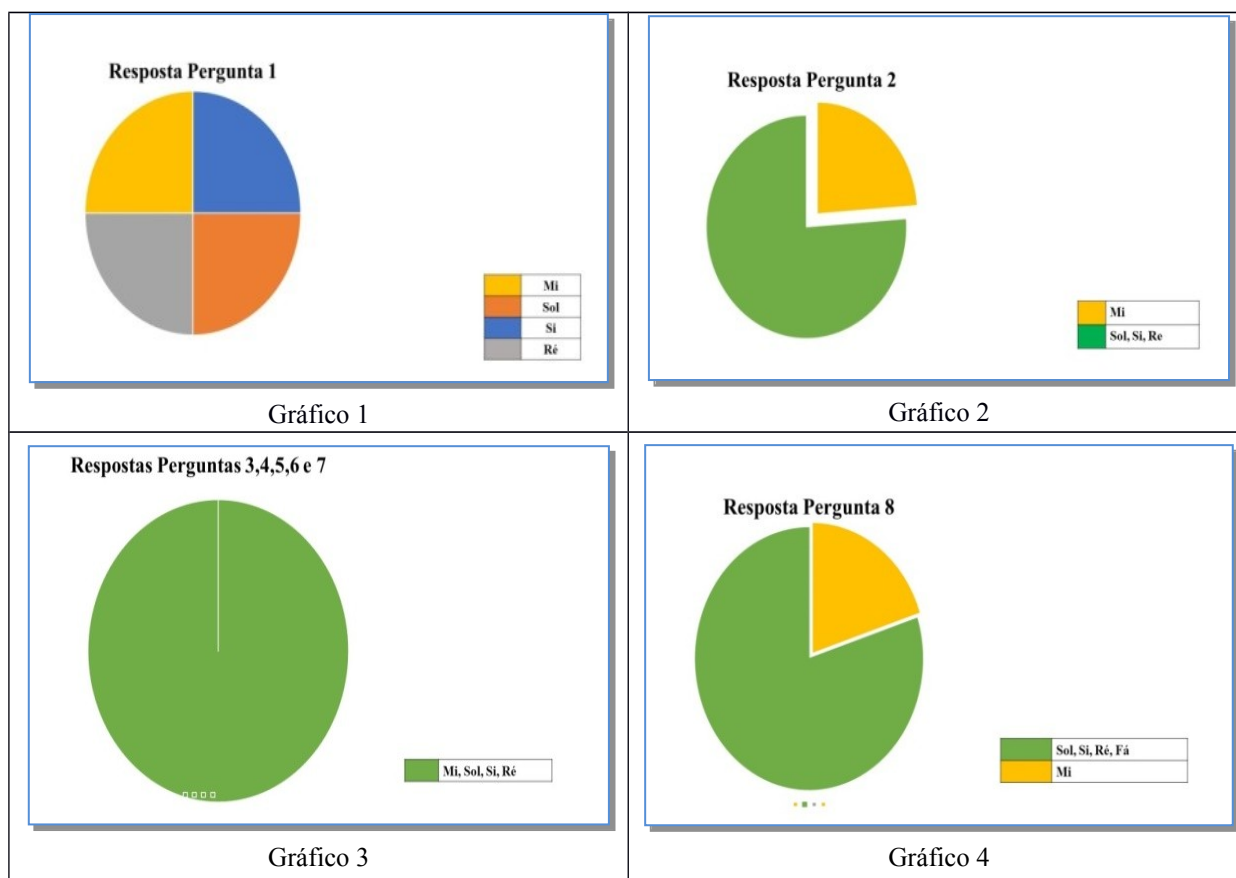
4. Você concorda que o intérprete tem autonomia para tomar decisões no momento da interpretação?
5. Qual a sua compreensão de “se colocar no lugar do outro”? Acredita ser necessário este processo durante a interpretação?
6. Durante e depois de uma interpretação, quais os procedimentos lhe resultam a sensação de “dever cumprido”?
7. No Brasil, o profissional intérprete de Língua de Sinais passa por determinadas situações peculiares em relação aos intérpretes das línguas orais. Como você assimila essa peculiaridade?
8. Como você define a relação surdo/intérprete?

ANÁLISE DOS DADOS

Norteados pelo pressuposto de que o trabalho do profissional TILS e do Guia Intérprete (GI) vai muito além da transposição linguística LO/LS e da mediação surdo/ouvinte, da hipótese de que esse profissional ultrapassa a ideia de comunicação entre sujeitos e participa ativamente dos acordos e produção de sentidos na interação, nessa análise, partimos em busca da compreensão do processo de produção de sentidos no ato tradutório e interpretativo LO/LS direcionada pela teoria bakhtiniana.

Durante as entrevistas, pontos recorrentes (respostas muito parecidas e com pontos de vistas similares) e alguns não recorrentes (pontos de vistas diferentes) são identificados, ambos de grande relevância para esta pesquisa. Os gráficos, a seguir, apresentam tais diferenças às perguntas gerais (feitas a todos os profissionais entrevistados). Ressaltando que ao entrevistado Fá não foram feitas as perguntas gerais, somente as específicas.

Quadro de gráfico representando as respostas dos entrevistados



Explicando os gráficos: Os referidos gráficos referem-se ao corpus para análise. O gráfico n. 01 representa as respostas de cada entrevistado em relação à pergunta n. 01. As partes iguais representam que as respostas foram todas recorrentes.

O gráfico n. 02 representa as respostas referentes à pergunta n. 02. A cor diferenciada é em relação à resposta de um único entrevistado (Mi), que foi não recorrente.

O gráfico n. 03 representa as respostas das perguntas n. 03, 04, 05, 06 e 07. Todos os entrevistados responderam de forma recorrente.

O gráfico n. 04 representa a pergunta n. 08, à qual somente o entrevistado Mi respondeu de forma não diferente.

RELEVÂNCIA DA ATUAÇÃO DOS TILS NA CONJUNTURA ATUAL

Todas as profissões têm suas peculiaridades. Todavia, a profissão de TILS, algo bem peculiar em relação às demais profissões ganha destaque, que é como esses profissionais se tornaram ou decidiram atuar profissionalmente. A pergunta feita aos participantes da pesquisa os fomentou a abordarem sobre esse assunto, mesmo que de forma sucinta. Vale ressaltar que nenhum dos entrevistados tem como primeira formação específica a *tradução* e ou a *interpretação*, todos iniciaram sua atuação por serem fluentes em Libras, por terem amigos ou parentes surdos, por falta de opção de trabalho, por meio do contato com surdo ou por se identificarem com a língua de sinais.

Consideramos relevante apontar a primeira pergunta feita a todos os TILS entrevistados, bem como fazer recortes das suas repostas.

O que motivou você a ser intérprete de Língua de Sinais?

Então, o que me levou primeiro foi a questão vocacional. Eu fui na faculdade Batista fazer teologia. E eu sempre senti que eu ia trabalhar com um povo de outra língua, de outra cultura. [...] E eles fizeram eu aprender todo livro do padre Eugenio Oates⁴, que foi o primeiro livro de Libras que teve no Brasil, primeiro livro de Linguagem de Sinais no Brasil, primeiro livro registrado, primeiro dicionário. Tinha 1600 sinais ou 2000. Comecei a gostar então além do livro eles ficavam no dia a dia sinalizando tudo pra mim. Café da manhã, almoço, a gente ia no supermercado, eles viam sinal de tudo. Na rua, sinal disso, sinal daquilo. E eu aprendi Libras em contexto. (Entrevistado Mi).

Observa-se aqui que a maioria dos TILS iniciou na profissão como voluntário. Como o entrevistado disse, “por uma questão vocacional”. Olhando pelo prisma bakhtiniano, podemos dizer que a esfera social, ou as relações sociais na qual ele se inseriu o influenciaram a se constituir como TILS.

Na verdade o que me motivou a ser intérprete de LS, primeiro por ser uma área que está em expansão, e que possibilita crescimento profissional e também por poder me inserir em uma instituição federal, porque na época que comecei a atuar na área, estavam iniciando os concursos nas universidades federais e sempre foi um interesse meu. Mas eu acredito que o que mais me motivou a entrar nessa profissão foi o poder inserir uma pessoa que tem dificuldade linguística no ambiente

⁴ Padre Eugenio Oates, religioso americano que chega ao Brasil em 1946, iniciando um trabalho nas Congregações Redentoristas, no estado do Amazonas. Em 1989, publicou o livro *Linguagem das mãos*. Desenvolveu vários trabalhos religiosos com a comunidade surda.

acadêmico. Essa foi sempre a minha intenção, atuar no ambiente acadêmico.
(Entrevistado Sol).

Este entrevistado apresenta sua intenção de iniciar sua carreira profissional, que realmente era ser um TILS, principalmente na esfera acadêmica. De certa forma, assim como o entrevistado Mi, o Sol também foi influenciado pela esfera social que, no caso, é a academia. Aqui o que difere é que o primeiro não tinha intenção profissional. Iniciou de forma involuntária, enquanto o segundo tinha uma intenção.

Na realidade, é a questão da empatia. Quando eu tinha oito anos de idade, eu tinha um vizinho surdo e ele ia na minha casa e ele ficava fazendo sinais. Ninguém entendia nada. Minha família olhava e ficava falando: ah! ele é doente, ele tem problema de cabeça, ele é mudo e tal... E eu olhava aquilo e sentia uma empatia por ele, me sentia incomodado de ver ele sozinho, ninguém sabia se comunicar com ele, então eu me aproximei dele e a gente começou a ter uma relação brincando. [...] Então, em contato com ele, eu fui aprendendo e comecei meu interesse pela língua de sinais. (Entrevistado Si).

A questão da empatia e do voluntariado é marcante nesta resposta. De fato, décadas atrás o surdo era considerado o “doidinho”, “mudinho”, “surdo-mudo”, “o que tinha problema”, e muitas pessoas tinham medo de se aproximar dele. Quando acontecia da forma como ele relatou, a empatia, a família tentava distanciar e evitar esse contato. Porém, neste caso, o contato entre surdo/ouvinte se firmou e hoje ele é um profissional renomado no país, e continua inserido na comunidade surda.

Sempre trabalhei na área administrativa, mas, ao casar, fiquei desempregada e isso me motivou a procurar outros campos, correr atrás de outra coisa, e, com a motivação da minha irmã, também comecei a trabalhar na área de Libras e acabei gostando da área (e de ser intérprete). (Entrevistado Ré).

Aqui, nota-se a questão financeira. Muitos TILS e GIs no Brasil iniciaram sua carreira dessa forma: por falta de emprego.

No decorrer das respostas, foi observado que um dos participantes é formado em Teologia, um em Pedagogia, um em Administração e um licenciado em Letras Libras. O que leva a considerar que essa profissão é peculiar em relação às demais no que diz respeito à decisão de ser profissional TILS.

As profissões de médico, advogado, administrador, economista, psicólogo, jornalista, professor, atleta, arquiteto, engenheiro, enfim, a maioria das profissões foi premeditada, a pessoa escolheu e estudou para ter a formação exigida, ao contrário da maioria dos TILS, que se tornaram profissionais por motivos distintos.

Um fato importante que estimulou muitas pessoas a serem intérpretes foi o acesso das pessoas surdas às escolas, universidades e demais esferas sociais – norteados por diretrizes que foram se firmando no decorrer do tempo (como vimos no capítulo 1). Com isso, abrem-se as portas para a atuação do profissional TILS e a demanda de trabalho para esse profissional se amplia. Considerando que é ele o responsável pela mediação surdo/ouvinte, então, torna-se imprescindível sua atuação.

[...] Hoje, tirando que ele (intérprete) é um direito, que ele é um mediador, aí tem vários nomes que se dá, mas eu acho que existe um distanciamento do TILS em relação ao surdo. Eu ouço e passo, ouço e passo, literalmente língua A pra língua B, língua B pra A, pra B. Eu vou criar um neologismo aqui agora, uma linguistização, uma gramaticalização do intérprete hoje, coisa que não era nos anos 80 nem nos anos 90 até o início do ano 2000, a partir do momento, isso é minha percepção, envolvido com surdos no Brasil e no mundo, até chegar a lei da Libras e lei da inclusão no Brasil e a lei do intérprete, a relação que os TILS tinham era uma. A partir desse momento, eu pensei que a lei ia melhorar, e ela profissionalizou dum jeito que criou um distanciamento muito grande. Como se fosse possível você aprender a língua do povo, sem aprender do povo da língua, como se fosse possível, você fazer um curso artificial sobre esse povo, ministrado por um ouvinte, na maioria das vezes, que também não tem, teve ou não essa imersão linguística, que não tem o mesmo domínio, espaço tridimensional que um surdo tem. Aí a pessoa faz o curso ali, faz uma prova do ProLibras onde ele é aprovado com a nota seis, que eu também acho um cúmulo. Um profissional que tem a responsabilidade de fazer alteridade do outro, de representar o seu discurso ter nota seis de fluência, eu acho isso seríssimo, porque quando nós reunimos diplomatas e embaixadores e sabemos a responsabilidade que tem um embaixador, um diplomata quando ele vai representar um país dentro do outro. Quando ele está intermediando uma reunião, do Trump com alguém da Síria, a responsabilidade não só linguística, mas cultural, de escolher o melhor léxico, a melhor postura, a melhor forma, o melhor discurso pra trabalhar. Então, hoje eu estou vendo os TILS se transformando, muitos deles, em avatares linguísticos. (Entrevistado Mi).

Nesta resposta, o entrevistado se distancia um pouco do objetivo da pergunta. Ele expõe sua visão em relação à atuação dos TILS, a partir dos anos 2000, conforme as legislações brasileiras em relação à acessibilidade, à Libras e ao Intérprete. Considera que as legislações contribuíram, mas também “prejudicaram” a comunidade surda. Reflete sobre o “profissionalismo” em excesso, que excede a questão da relação surdo/intérprete, pois o

profissional esqueceu que está lidando com seres humanos e age como “avatares”. A *neutralidade* é compreendida como “não tenho nada a ver com você”. Reflete sobre a impossibilidade de adquirir fluência em uma língua sem o contato com a cultura ou com o povo que a utiliza. É como se o único objetivo do TILS fosse a mediação linguística mecânica.

Quando ele fala o termo “linguistização” está se referindo à tradução/interpretação a partir de palavras/sinais, de uma preocupação simplesmente linguística por parte do profissional. Ele compara os TILS a “avatares linguísticos”, ou seja, a profissão está voltada a algo “mecânico”, como se fossem aplicativos que transmitem sinais – ou palavras – a partir de uma programação, esquecendo-se do trabalho como ser humano.

Traz a questão do Prolibras (Exame Nacional de Proficiência em Língua de Sinais), que aconteceu até o ano de 2015. Relata que considera ineficiente a forma com que era feito o exame, pois o fato de apenas um estado da região sul do país ser responsável pela elaboração e avaliação de todo país é considerado o cúmulo. Olhando por esse prisma, é recorrente a consideração do entrevistado, uma vez que a língua de sinais como todas as línguas, têm as variações linguísticas, o regionalismo e suas especificidades. Por exemplo: na região Sul, utiliza-se um sinal para a palavra mãe. Já nas demais regiões usam outro sinal. Isso prejudica a pessoa que está sendo avaliada.

Considerando o conceito de língua para Bakhtin, é possível enxergar que há coerência com a reflexão feita pelo entrevistado.

Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 95).

Coerente com a fala do entrevistado, a citação acima nos remete à compreensão de que a língua vai além de formas e sistemas. Ela ganha sentido no contexto e cada falante a utiliza de forma peculiar, não se atendo simplesmente ao que as palavras significam no dicionário, mas levando em conta que ela é social.

A língua evolui, cada falante, mesmo que da mesma língua, carrega suas marcas, suas especificidades, suas experiências e seu conhecimento de mundo. Ser um tradutor intérprete é trabalhar com línguas diferentes que se modificam, é ser consciente de que enfrentará desafios continuamente. Contudo, esses desafios precisam lhe servir de “degraus” para chegar ao ápice do seu trabalho e não de “muralha” para não conseguir chegar ao objetivo principal, que é o sentido daquilo que se quer passar para a língua de chegada.

Em virtude disso, o trabalho do TILS, na conjuntura atual, é de extrema relevância nas mais variadas esferas, porém este profissional ainda tem um vasto caminho a percorrer em busca da verdadeira efetivação quanto às suas especificidades de atuação e valorização profissional.

A “ARENA DE LUTAS” QUE PERMEIA O TRABALHO DO TILS

O TILS vive constantemente em uma situação de enfrentamento frente às adversidades que permeiam sua atuação. Adversidades que, segundo nossos entrevistados, podem advir sob a forma de alguns estereótipos sociais referentes ao seu trabalho. Mesmo no século XXI, eles ainda persistem.

Os recortes das entrevistas seguintes apresentam alguns desses desafios:

Os desafios. Na maioria das vezes somos liderados ou contratados por pessoas que desconhecem nossa profissão, então isso é um desafio. Estamos em constante tentativa de explicar e de informar sobre nossa profissão, porque é uma profissão nova é reconhecida há sete anos. Desde 2010. Já existia antes, mas é reconhecida profissionalmente há oito anos na verdade. (Entrevistado Sol).

[...] Primeiro, por desconhecimento da sociedade do que significa Língua de Sinais. Eles continuam associando à mímica, a gestos naturais, à linguagem caseira inventada, pura imitação da realidade. Eles não entendem que essa língua tem abstratos, tem uma gramática, tem léxico e tudo mais. Então, parte disso é por ignorância social mesmo. (Entrevistado Mi).

É um profissional, é... Eu me baseio muito no livro do Evandro Magalhães, ele explica que um intérprete, ele é um... ele promove a paz... risos... eu foco muito nisso, nessa questão da pessoa ser diplomata, a questão da diplomacia, sempre para promover a paz, então, eu acho que, dentro da sociedade, o intérprete tem essa função de transmitir as mensagens, intermediar as conversas, as relações mas sempre com o foco de unir pessoas, não separar pessoas. (Entrevistado Si).

As respostas transcritas anteriormente manifestam pontos em que é possível a percepção de que todos têm o mesmo pressuposto em relação à falta de conhecimento da sociedade sobre o trabalho do TILS. Uma grande massa da sociedade ainda considera a LS como mímica, gestos ou uma estratégia de comunicação. Algo inventado ou imitação do real, e isso é um dos desafios que esse profissional enfrenta constantemente.

Mesmo na conjuntura atual, ainda há o estereótipo de que os TILS são pessoas que imitam os surdos ou fazem trabalho voluntário e a valoração do seu trabalho é inferior ao trabalho de um intérprete de LO. Com o intuito de potencializar a equidade profissional, a FEBRAPILS criou uma tabela de honorários⁵ para todas as esferas de atuação. O intérprete é representante legal de um ou de mais sujeitos para trabalhar com a negociação e acordos de sentidos, para representar com a melhor postura e consciência interior dos sujeitos em questão. Ele será a “ponte” de comunicação, o elo de interação e o cronotopo definirá seu modo de negociação e acordos.

Na fala do entrevistado Si, percebe-se um certo “romantismo”, trazendo a questão de paz, união, mediador.

A fala a seguir apresenta uma temática um tanto polêmica referente ao trabalho do TILS e do GI,

[...] por exemplo, quando a pessoa vai interpretar para o inglês geralmente o público dele é um público elitizado e às vezes é um público intelectualmente também elitizado, e o interprete, embora eu já interpretei em faculdade, já interpretei pra mestres e doutores, mas a maioria dos trabalhos que eu fiz foi pra surdo simples, que moram na periferia da cidade que não tem muito acesso, então é essa a diferença que eu sinto, que você às vezes não tem muito conhecimento de mundo. Já aconteceu de eu ir no Tribunal de Justiça. Constantemente eu vou até o Tribunal de Justiça fazer alguma interpretação, e às vezes, dependendo do surdo que você encontra, então eu já peço para o juiz, uma hora antes para sentar com ele pra explicar pra ele: como será a interpretação, quem é o juiz, como ele deve se portar na presença do juiz, coisas que na área das línguas orais, como o inglês, não precisa ter isso. A não ser que aconteça de algum imigrante precise... Na área da Língua de Sinais, você esclarece para o surdo como ele deve se comportar perante um juiz, um delegado de polícia e tal... É essa a diferença que eu sinto. E a valorização também, porque as pessoas veem o trabalho do intérprete como inferior em relação aos interpretes de línguas orais, inglês, espanhol... Eles veem como o intérprete de mimica, voluntário. (Entrevistado Si).

5 A referida tabela está disponível no portal da FEBRAPILS no link: <http://febrapils.org.br/tabela-de-honorarios/>

Outro desafio que os TILS enfrentam é o que diz respeito ao conhecimento prévio do tema a ser interpretado. A resistência por parte do contratante ou palestrante em ter uma conversa antecipada, em fornecer materiais ou informações referentes ao que será interpretado. Isto ainda permeia sua atuação, às vezes são julgados como profissionais despreparados para atenderem ao que se propuseram, embora a imprevisibilidade seja inevitável. A necessidade deste conhecimento prévio é imprescindível. Tal fato ocorre também com os intérpretes de LO. É importante destacar que o bom domínio de um assunto colabora para a boa atuação do TILS: “[...] Ele precisa conhecer e compreender o contexto para fazer um bom trabalho, mas não necessariamente ser profissional daquela área” (LACERDA, 2009, p. 17). Magalhães Jr (2007) complementa: “O contato entre intérpretes e palestrantes é parte fundamental na preparação da palestra. E não só é possível como altamente desejável, algo por que muitos palestrantes anseiam tanto quanto os intérpretes” (MAGALHÃES JR, 2007, p. 140).

Dessa forma, pesquisadores dos estudos da tradução/interpretação revelam que:

Os resultados revelam que a performance dos tradutores intérpretes é mais adequada quando estes têm conhecimento prévio do assunto a ser tratado, aí inclusos conceitos problemáticos de línguas de sinais. Isso demonstra que na interpretação e tradução simultâneas, o TILS obriga-se a fazer escolhas rápidas e imediatas que, nem sempre, expressam o sentido intencionado do discurso fonte. Os resultados reforçam que os TILS necessitam de um contínuo aperfeiçoamento, alertando-o quanto aos problemas de interpretação e tradução dos conceitos abstratos de uma língua para outra. (MACHADO, 2014, p. 04-05).

Em virtude disso, o trabalho do TILS, na conjuntura atual, é de extrema relevância nas mais variadas esferas, porém este profissional ainda tem um vasto caminho a percorrer em busca da verdadeira efetivação quanto as suas especificidades de atuação e valorização profissional.

A seguir, apresentamos as recorrências em relação aos dados fornecidos pelos participantes desta pesquisa.

FIDELIDADE, A (IM)POSSIBILIDADE DE SER FIEL NO ATO TRADUTÓRIO E INTERPRETATIVO

O que você entende por FIDELIDADE durante o ato tradutório? Esta pergunta trouxe à tona algo muito interessante e que nos instigava: eis nossa razão de fazê-la, pois o Código de Ética do profissional, de 1992, da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), ainda é o pilar para grande parte dos profissionais da área de Língua de Sinais.

Os profissionais entrevistados relataram os “equivocos” no documento de 1992, o qual traz no seu cap. I:

Artigo 2o. O intérprete deve manter uma atitude **imparcial** durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

Artigo 3o. O intérprete deve interpretar **fielmente** e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade. (*grifo nosso*).

Ao analisarmos o recorte do Código de Ética acima, destacamos as palavras *imparcial* e *fielmente*, ambas carregadas de interpretações “equivocadas” no que diz respeito ao trabalho do TILS. “Equivocada” no sentido de entender fidelidade no ato tradutório e interpretativo como literalidade.

O termo neutralidade permeia o trabalho do profissional TILS, porém isto não implica em passividade, embora ele tenha, precise e busque a prudência nas suas escolhas. Para Bakhtin, não existe sujeito passivo em uma interação. E, considerando que em um momento de interpretação os sujeitos envolvidos dialogam e interagem, a neutralidade se torna difícil. Bakhtin (2015) esclarece: “[...] não são ouvintes passivos, mas participantes ativos na comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo enunciado se construísse ao encontro dessa resposta”. (BAKHTIN, 2015, p. 301). Logo, o termo *imparcial* traz o sentido de o profissional não interferir dando opiniões ao que está interpretando.

Existe, ainda, seja por falta de conhecimento ou por se acreditar que ser fiel ao discurso é ser literal às palavras versus sinais, um “julgamento” ou “imposição” quanto ao trabalho do profissional TILS.

Afinal, o que é ser fiel ao discurso? As falas a seguir são recortes das respostas dos entrevistados.

Entrevistado Mi:

Então tem que ser levado em conta quem é o sujeito que estamos traduzindo, todo o processo sócio histórico dele, inclusive econômico, cognitivo e a plateia que eu estou falando ou pra quem eu estou falando, pra eu poder encontrar um balanço, pra ver que quesitos vão entrar nessa fidelidade.

Entrevistado Sol:

*Eu acho que tanto no Código de Ética como em alguns manuais de orientação do tradutor tem essa palavra **fidelidade**. Mas eu acho que varia de situação a situação essa fidelidade. Porque ser fiel não é ser fiel ao que está sendo dito. Se o que está sendo dito, por exemplo, não tem significado e contexto nenhum para o surdo. Considerando de sujeitos de língua diferente e culturas diferentes. Eu acho essa terminologia Fidelidade muito abrangente e tem que ser levado em consideração vários aspectos.*

Entrevistado Si:

Bem... é... eu comecei a interpretar em 1995... tinha aquele código de ética da FENEIS, nem lembro do ano... Eu lia aquilo e não entendia, quer dizer, não é que eu não entendia, mas eu ficava pensando como que isso dava pra fazer, como é possível seguir isso aqui? É... hoje no Brasil há muitas discussões sobre a questão da neutralidade, e eu não sei explicar isso, porque eu trabalho como intérprete tanto na questão Português/Libras e Libras/Português, questão da fala... e o intérprete, quando esta interpretando, muita coisa minha vai junto, seja na Língua de Sinais, seja na interpretação em voz, quando estou interpretando tem muita coisa minha que vai ali junto. No Brasil, nessa área de interpretação tem muita confusão em relação a tudo isso. Porque o intérprete não é robô.

Os recortes anteriores, embora pareçam extensos, consideramos de grande relevância citá-los, pois apresentam com clareza que a neutralidade no ato tradutório e interpretativo não significa palavra por palavra ou palavra e sinal. O ser fiel aqui não trata da literalidade, porque o que se busca é o sentido.

Traduzir/interpretar não é um ato automático de substituir palavras/sinais. Requer um conhecimento além de significados por parte do profissional e, inegavelmente, requer conhecimento das línguas envolvidas no processo e que esse profissional tenha conhecimento do tema a ser interpretado, isso lhe proporcionará uma interpretação de qualidade e o sentido pretendido.

No jogo dialógico da tradução/interpretação, o profissional é responsável por atribuir sentidos a uma língua de partida e busca constituir sentidos à língua de chegada. Não há sujeito passivo em um momento de interpretação e interação. Parafraseando Ronai (1976, p.

10) entende-se que a fidelidade do tradutor não se relaciona somente com a língua de partida. É necessário pensar na língua de chegada e considerar suas especificidades.

Em relação ao Código de Ética da FEPRAPILS (Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia Intérpretes de Língua de Sinais), documento mais recente que norteia o trabalho do profissional TILS, atualmente, a palavra **fidelidade** não aparece, porém se notam palavras que a substituem sem dar a liberdade do profissional de intervir ou de ser desleal ao discurso. Um exemplo é quando, no artigo 9º, retrata-se a palavra **sentido**.

Cap. II

Art. 3º - O TILS e o GI devem exercer sua atividade de forma digna e consciente, com o propósito de valorizar a sua categoria profissional.

Art. 5º - O CCE da FEBRAPILS tem como princípios definidores para a conduta profissional do TILS e GI:

I. Confidencialidade.

II. Competência Tradutória.

III. Respeito aos envolvidos na profissão.

IV. Compromisso pelo desenvolvimento profissional.

Art. 9º - O TILS e o GI devem **buscar a equivalência de sentido no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.** (grifo nosso).

Parágrafo Único: O TILS e o GI devem, também, corrigir, prontamente, eventuais equívocos cometidos no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

Cap. III

Art. 14 - É vedado ao TILS e ao GI: **Dar conselhos ou opiniões pessoais, exceto quando requerido e com anuência do Solicitante ou Beneficiário.** (grifo nosso).

As falas dos entrevistados foram coerentes com o Código de Ética, considerando que é um documento que já fala na busca pela equivalência do sentido. Como vimos no recorte acima, a questão do trabalho consciente surge, ou seja, na perspectiva de Bakhtin, o profissional deve agir responsavelmente do *eu para o outro* e do *outro para mim*.

Os entrevistados falam sobre o sentido, o sujeito, o momento e a intenção. O Código de Ética relata também a questão da busca pela equivalência do sentido. Assim sendo, o TILS é respaldado legalmente no que diz respeito às adaptações necessárias para buscar o sentido, que precisa ser levado em consideração de acordo com as peculiaridades das línguas envolvidas.

Importante ressaltar a importância da ética profissional do TILS e dos GI. Assim como em todas as profissões, os TILS devem manter uma postura ética e se ater ao documento que rege sua profissão. O ponto em questão é a **fidelidade no ato tradutório e interpretativo**, a fim de desvendar equívocos em relação ao tema. Haja vista o fato de que uma grande parte dos profissionais desconhece o documento da FEBRAPILS, o que nos impressiona, pois, a ética é primordial para um profissional no exercício de sua função e alguns profissionais TILS ainda não se conscientizaram da tamanha dimensão de sua profissão.

Acrescentemos o fato de que se trata de um documento de 2014, depois da legalização da profissão, elaborado por profissionais surdos e ouvintes e com compreensão responsiva de que é uma profissão que, assim como as demais, necessita que o profissional exerça a honestidade, a confiabilidade, a competência profissional, o compromisso e que não deixe de fora a **fidelidade**, apresentando-a de forma consciente e coerente com o fazer do TILS e do GI.

Considerando que sinônimos não garantem a fidelidade, segundo Magalhães (2007):

[...] Como aprendem logo cedo os [tradutores]/intérpretes, os sinônimos na verdade não existem. Toda palavra, ainda que listada em dicionário como sinonímia para outra, de outro vernáculo, carrega consigo uma carga emocional, um sentimento, que varia de país para país, de cultura para cultura. Varia também conforme o conjunto de valores do próprio intérprete. Portanto, há sempre alguma diferença de tensão a compensar, e melhor seria classificar o intérprete não apenas como transformador, mas como um bom estabilizador de voltagem. (MAGALHÃES JR, 2007, p. 53 e 54).

Compreende-se, assim, que em uma comunicação mediada, como em todo ato de interação, o que se negocia é o sentido e a compreensão do interlocutor. Não cabe ao intérprete agir como um avatar, pois traduzir/interpretar é promover a possibilidade de em línguas distintas desenharmos a mesma cena levando em consideração a plateia, o tema e a intenção do autor/locutor e a capacidade de atuação do protagonista (intérprete) mediador. Conforme o entrevistado Fá relata:

Eu acredito que tem que ter esses ajustes, essas adaptações, então para o interprete a informação fica muito clara. Eu imagino que o interprete faz esses ajustes e faz

adaptações pra me ajudar na compreensão. Esses ajustes são importantes. Então eu imagino que vai alguma coisa do interprete nessas interpretações. Não é algo mecânico, direto. Quando é assim não entendo nada.

Em consonância com Rosa (2005):

O interpretar não está desvinculado da trajetória pessoal do intérprete; tampouco suas escolhas por determinados sinais durante o ato interpretativo estão desligadas de suas ideologias ou teorias, principalmente no que diz respeito ao sujeito surdo. (ROSA, 2005, p. 161).

Os TILS têm autonomia para tomar decisões. Decisões que não prejudicarão a intenção do locutor, mas que sejam uma estratégia de adaptar o discurso ao seu público e que objetive a melhor compreensão do mesmo ao chegar ao interlocutor. Deve ter a compreensão responsiva de como agir, como fazer essas adaptações. Em Bakhtin (2003), podemos ler que:

O que subjaz a unidade de uma consciência responsável não é um princípio como, ponto de partida, mas o fato de um real conhecimento da participação própria de alguém no Ser-evento unitário, e esse fato não se pode ser adequadamente expresso em termos teóricos; pode apenas ser descrito e participativamente experimentado. Aqui está o ponto de origem da ação responsável e de todas as categorias do dever concreto, único e necessário. (BAKHTIN, 1993, p. 58).

Ou seja, é necessário que o profissional tenha consciência de que seu ato responsável implicará na totalidade do seu trabalho. Os recortes a seguir são enfáticos em relação ao ato responsável:

Entrevistado Sol:

Se a gente fizer um adendo com relação ao que perguntou sobre fidelidade, eu tenho autonomia de passar algumas informações que têm significado, tendo fidelidade ao conteúdo.

Entrevistado Si:

A interpretação é uma escolha constante, a gente toma decisão, e depende do lugar onde você está, toma decisões sempre, sempre, sempre... se você conhece o público, se não conhece o público.

Nesse sentido, Bakhtin reafirma a necessidade de adequação do discurso a partir do interlocutor. Porém, nem sempre a tomada de decisão do TILS é compreendida, ao optar em

fazer suas escolhas e quem está do outro lado ver o resultado do seu trabalho. Sobre todo esse aparato de negociações, decisões e juízos de valor referentes à atuação do TILS, Bakhtin nos ajuda a esclarecer quando salienta que:

Os acentos apreciativos dessa ordem e as entoações correspondentes não podem ultrapassar os limites estreitos da situação imediata e de um pequeno círculo social íntimo. [...] Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu aspecto semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância à apreciação. [...] Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 34 e 135).

Os acentos apreciativos compreendem aqui o valor que damos à palavra ou à enunciação. Bem como o público para o qual estamos enunciando, de acordo com a situação e a valoração que empregamos ao discurso a ser traduzido/interpretado, fazemos nossas adequações e adaptações a fim de não perdermos de vista a acentuação valorativa, a qual podemos marcar por meio das entonações que julgamos ter valoração naquele momento.

É isso que compreendemos, ainda, quando consideramos o verbo *refratar*, advindo das considerações bakhtinianas a respeito do signo ideológico. Consiste na marca pessoal, na assinatura deixada pelo intérprete no ato de interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de todo esse trabalho, foram mencionados reiteradas vezes os profissionais TILS e o GI, sujeitos que fomentaram esta pesquisa. São mencionados porque é a partir do seu trabalho que essa investigação se consolida, e partindo do princípio de que viver no mundo da tradução/interpretação é viver num mundo que não é seu, mas que você transita e envolve-se diretamente e/ou indiretamente, senti-me instigada a buscar dados a partir do que lhe é designado e o que lhe compete sobre o que é traduzir/interpretar.

Traduzir/interpretar, como já foi mencionado, é uma prática antiga e o fazemos continuamente em nossos diálogos quando reformulamos a cada palavra proferida. Ao ouvirmos uma palavra ou vermos um sinal diferente do nosso léxico, buscamos imediatamente uma forma de compreendermos o que está sendo enunciado. Theodor (1986, p.

13) esclarece que “a tradução/ [interpretação] não visa exclusivamente à passagem de um sistema linguístico para outro, mas alcança até mesmo o campo do próprio idioma”. Logo, estamos traduzindo/interpretando para a nossa consciência aquilo que nos parece estranho. À luz de Bakhtin (1992) “a compreensão do texto proferido por outrem requer uma refinada interpretação que dialoga com nossa consciência”.

Seria impertinente colocar aqui a tradução como uma forma de transcrever textos de uma língua para outra. Obviamente, quando falamos de tradução/interpretação, falamos também de línguas distintas, mas seria como limitar algo tão imensurável a uma simples tarefa de transcrição. Traduzir/interpretar significa deslocar-se do seu *eu* e olhar o ato tradutório a partir do *outro*. “O tradutor deve sair do seu pedestal e procurar adequar-se à realidade do seu leitor” (BORTEN, 2003, p. 87). Logo, deve vestir-se do outro.

Segundo Magalhães Jr, “interpretar requer agilidade, técnicas e tomada de decisões rápidas. Tanto na interpretação simultânea quanto na consecutiva, não há regras inquebráveis. O objetivo central é comunicar” (MAGALHÃES JR, 2007, p. 97). Não há tempo para debates ou considerações. É necessário agir tendo consciência de que o ato interpretativo exige responsabilidade. Ao intérprete é concedido o poder de decisão e a tarefa de conduzir o seu interlocutor/leitor à compreensão do discurso. Para tanto, é necessário um preparo psicológico, emocional, linguístico, instrumental, uma imersão cultural, conhecimento específico para cada situação e principalmente estratégia. Interpretar consiste na compreensão da enunciação. Traduzir significa aqui realmente interpretar. “Tradutor é aquele que torna compreensível aquilo que antes era inteligível, e já por isso deve ser encarado como intérprete por excelência” (THEODOR, 1986, p. 13). Para traduzir é necessário antes interpretar. No entanto, alguns estudos das traduções as diferem pela forma como são aplicadas.

Os sujeitos participantes como entrevistados, nessa pesquisa, decifram as questões postas a eles de forma que nos levam à compreensão de que os objetivos propostos foram alcançados, considerando que o objetivo principal, como já assinalamos, era buscar a compreensão do processo dialógico e exotópico que envolve um ato tradutório e interpretativo; bem como, enxergar a tradução e a interpretação por um prisma além do técnico, mas sobretudo a partir da relação *eu/outro* e da produção de sentidos.

A partir dos dados coletados na investigação, faz-se aparente que a relação locutor e interlocutor vai além da mediação linguística. Todos os sujeitos que fazem parte do aqui/agora estão envolvidos no diálogo. Se pensarmos em uma interpretação da LP para LS, *grosso modo*, imagina-se que a interação se limita ao TILS e ao surdo. Analisar o ato interpretativo dessa forma seria colocar limites no processo dialógico que envolve os sujeitos. Em uma interação, repetimos, não há sujeito passivo. Bakhtin nos ajuda a compreender esse processo quando diz que:

O processo da fala, compreendida no sentido amplo do processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. [...] A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior [...] e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação da enunciação. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 125).

Conforme Theodor: “o tradutor/ [intérprete], ao realizar o seu trabalho, deve aspirar a ser o mediador ideal entre o original e o seu público, no sentido da máxima de Goethe: “Todas as reflexões verdadeiramente inteligentes já foram feitas; essencial é tentar fazê-las de novo!” (THEODOR, 1986, p. 10).

Assim, terminamos essas considerações sabendo que há muito mais pra se fazer além do que já foi feito. Então, que façamos de novo para que a *festa da renovação*, que Bakhtin retrata, aconteça da mais bela forma e que traga vozes que renovem a atuação dos TILS de forma a ser cada vez mais carregada de responsividade e consciência. Que o exercício da alteridade e exotopia sejam práticas vivas em busca da compreensão e da produção de sentidos no momento da sua atuação.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza: Austin, University of Texas press, 1993.

BORTEN, E. In: **Conversa com tradutores - balanços e perspectivas**. SOBRAL, A.; BENEDETTI, I.C. (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2003.

BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos – chave**. São Paulo: Ed. Contexto. 2014.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FEBRAPILS. **Código de ética e conduta do Tradutor intérprete e Guia intérprete de língua de sinais**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B7ZxCOYQ0QJmTUdtZ2xIZHlqQ1U/view>. Acesso em: 19 set. 2017.

LACERDA, C. B. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Editora Mediação: Porto Alegre, 1º edição. 2009.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MAGALHÃES JR., E. **Sua majestade o intérprete: O fascinante mundo da interpretação simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OUSTINOFF, M. **Tradução História, teorias e métodos**. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

PAGANO, A., VASCONCELLOS, M.L. “Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990”. In: **Revista Delta**, São Paulo, v.19, p.1-26, 2003.

RONAI, P. **A tradução vivida**. 1ª edição, Rio de Janeiro, 1976.

ROSA, A da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 199p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ROSA, J.G. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SOUSA, J. **As crianças ouvintes filhas de pais surdos e a aquisição da língua gestual portuguesa e catalã: história de vidas cruzadas**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. Portugal. 2010.

THEODOR, E. **Tradução**: ofício e arte. 3. Ed. São Paulo: Cultrix. 1986.